

NOTA TÉCNICA Nº 003/2013/ROS/IPHAN-PE/MinC

Recife, 22 de outubro de 2013.

ASSUNTO: Instrução do Pedido de Registro do Bem “Maracatu de Baque Solto” no Livro de Registro das Formas de Expressão

Ao Coordenador Técnico do Iphan – PE, Fábio Cavalcanti

Senhor Coordenador,

O Governo do Estado de Pernambuco, na figura do Excelentíssimo Governador Eduardo Campos, encaminhou ao Iphan pedido de registro referente à manifestação cultural inicialmente denominada “Maracatu Rural” como patrimônio cultural brasileiro, em outubro de 2008¹. No intuito de colaborar com a instrução do processo, o proponente, por meio da Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco - Fundarpe, contratou uma equipe especializada para realizar pesquisa que fornecesse os subsídios necessários.

A equipe técnica da Fundarpe, designada para estruturar o projeto de pesquisa, contactando oficialmente o Núcleo de Patrimônio Imaterial do Iphan - PE (através do Ofício DPC 168/2011), optou pela utilização da metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais. Técnicos do Iphan - PE ficaram, assim, responsáveis por facilitar o acesso à metodologia referida aos pesquisadores que viriam a realizar o trabalho.

O desenvolvimento da pesquisa ficou a cargo da REC Produtores Associados, empresa especializada em audiovisual que possui também experiência com pesquisas acerca de temas ligados à cultura. O vídeo documentário ficou a cargo da empresa Ateliê Produções, que possui ampla experiência com a produção de material audiovisual.

¹ É necessário deixarmos claro, de saída, que, no transcorrer da pesquisa percebeu-se a denominação de “Maracatu de Baque Solto” como a mais utilizada pelos detentores, o que motivou a equipe a trabalhar com esta terminologia em detrimento da que figura no processo nº 01450.010232/2008-04.



Considerando substituições iniciais descritas no Relatório Analítico, podemos dizer que a coordenação do INRC coube à Doutora em Comunicação e Semiótica Maria Alice Amorim, visto que esta conduziu a pesquisa por um período bem mais longo que a coordenadora que iniciou o trabalho. Além disso, ela foi a responsável pela finalização de todos os produtos. Tendo desenvolvido diversos projetos acerca da cultura popular, Maria Alice Amorim pesquisou temas como a Literatura de Cordel e também sobre o tema em foco, que pode ser ilustrado pelo artigo: “Carnaval: cortejos e improvisos” (2002).²

O inventário foi realizado entre janeiro de 2012 e maio de 2013, e contou com uma equipe multidisciplinar, conforme sugerido no capítulo “Processo de Trabalho” do INRC. Assim, foram contratados profissionais das áreas de Ciências Sociais, Antropologia, Etnomusicologia, História e Fotografia. Cabe destacar que houve a participação de membros de comunidades produtoras do bem, assim como da Associação dos Maracatus de Baque Solto, sediada em Aliança – PE. Esta Associação poderá vir a se tornar importante parceiro para a realização de ações de salvaguarda deste bem.

De acordo com o artigo 9º da resolução 001/2006, a instrução do processo de registro de bens de natureza imaterial consiste, além da documentação formal de solicitação de registro, da produção e sistematização de conhecimentos sobre o bem cultural. O material apresentado ao Iphan – PE consta, além do conjunto de fichas que compõem o INRC e sistematizam os dados, de um dossiê com 321 (trezentas e vinte uma) páginas, de dois vídeos documentários com duração de 27 (vinte e sete) e 60 (sessenta) minutos e de um DVD contendo 848 (oitocentas e quarenta e oito) fotografias sobre o bem para serem utilizadas em projetos gráficos.

Sobre o bem cultural – Maracatu de Baque Solto

O Maracatu de Baque Solto, bem em ora em tela, é aqui abordado enquanto forma de expressão, contemplando música, canto, dança, cênica, indumentária e religiosidade. A escolha é justificada ao cotejarmos a definição do Decreto 3.551/2000: “Livro de Registro das Formas de Expressão, onde serão inscritas manifestações literárias, plásticas, cênicas e lúdicas.”

² AMORIM, Maria Alice; BENJAIMIN, Roberto. Carnaval: cortejos e improvisos. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife.



Ao iniciar a abordagem do bem, a equipe partiu das seguintes questões: “Que fisionomia tem o maracatu de baque solto? De onde surgiu, desde quando existe? Quem são os protagonistas desta expressão cultural? De que maneira se constituiu a exuberância do folguedo, a partir de quais elementos?” (Dossiê, p. 34).

Estas questões norteiam o complexo trabalho de análise desse folguedo que possui uma vasta gama de elementos. De saída, podemos dizer que o Maracatu de Baque Solto configura-se, assim como o Maracatu Nação, como um cortejo régio composto por uma série de personagens, e que tem tanto no período carnavalesco quanto nas “sambadas” (encontros de maracatuzeiros) suas aparições mais usuais. O bem em tela, porém, possui relações com outras manifestações como o Cavalo-Marinho e o Bumba-meu-boi, configurando-se como um fenômeno que não permite análises sumárias.

Os principais personagens são o mestre do apito (espécie de coordenador do grupo); o caboclo de lança (espécie de guerreiro com indumentária própria); o caboclo de pena (marcado por um grande cocar feito de penas de pavão); as baianas (inicialmente homens vestidos de mulheres e hoje, em muitos casos, mulheres); a dama da boneca (que segura uma pequena boneca que, acredita-se trazer a proteção do grupo); o Mateus, a Catirina, o Caçador e a Burra Calu (personagens comuns ao Cavalo-Marinho), o rei e a rainha (que, de forma semelhante ao caso do maracatu nação, representam uma corte real). Há, ainda, uma orquestra composta de instrumentos de percussão e sopro. Estes personagens estão minuciosamente analisados no Dossiê.

A origem do folguedo revela-se complexa, visto que nenhum estudo conseguiu apontar com precisão os processos históricos que o configuram conforme se vê contemporaneamente. Em termos de datação, percebe-se que, ao menos desde o início do século XX a manifestação ocorre. A primeira referência à presença de caboclos de lança, por exemplo, no carnaval do Recife, figura na obra de Gilberto Freyre, “Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife”, publicada em 1934. A pesquisadora norte-americana Katarina Real, em sua obra “O Folclore no Carnaval do Recife” (1967) também aponta a década de 1930 como momento em que as primeiras abordagens foram feitas por pesquisadores como René Ribeiro e Valdemar de Oliveira.

Conforme afirma Mariana Nascimento, em seu artigo “Maracatu Rural: breve trajetória ao longo do século XX” (2008), podemos “afirmar que os estudiosos do maracatu rural têm apresentado dificuldades de compreensão de suas origens, embora sejam unânimes ao admitir nele

uma mistura das culturas indígena e africana”.³ Porém, em termos de análise sistemática, assim como ocorre com o Maracatu Nação, o estudo seminal acerca do tema em tela foi realizado por Guerra-Peixe. Trata-se da obra “Maracatus do Recife” (1955), que, apesar do título, analisa o fenômeno também considerando o contexto estadual.

Acerca de como teria se constituído o folguedo, é elucidativa a seguinte passagem do Dossiê de Candidatura:

[...] traços da cultura ibérica associam-se a elementos das culturas africanas e indígenas, exibindo no microcosmo, de modo complexo, o amálgama originário da cultura brasileira. O caráter exuberante, enigmático, poderoso do caboclo de lança alia-se a outras complexidades de personagens e elementos outros do brinquedo, resultando nesse roteiro sagrado de culto aos Orixás, mestres do Catimbó e da Jurema; nessa explosão poética de mestres improvisadores que constroem versos em sintonia com as tradições de oralidade procedentes da Península Ibérica; resultando nesse “misto de teatro e dança” no dizer de Ariano Suassuna. (Dossiê. p. 34)

Mesmo considerando a relevância de todos os personagens, o mestre do apito e o caboclo de lança parecem figurar como de fundamental importância. O primeiro, hierarquicamente comanda o folguedo, além de organizar apresentações nos dias de carnaval. Já o chefe dos caboclos de lança “oferece o comando corporal, na liderança das coreografias e da organização espacial dos lanceiros e demais folgazões” (Dossiê, p. 44).

Outro aspecto fundamental relacionado ao bem é a religiosidade em torno do mesmo. O Maracatu de Baque Solto possui relações tanto com a Jurema quanto com o Candomblé. Sobretudo no período de carnaval, há uma série de rituais de preparação que devem ser respeitados. O presidente de cada agremiação é responsável pela intermediação da relação entre os folgazões e os padrinhos (que cumprem a função de mestres espirituais). O preparo “inclui resguardo sexual, banhos à base de ervas, orações, aguações, fumaçadas de cachimbo e charuto, matança de animais, velas etc.”

³ “Maracatu Rural: breve trajetória ao longo do século XX”. In: GUILLEN, Isabel Cristina Martins (2008) *Tradições e tradições: a cultura imaterial em Pernambuco*. Recife: Ed. Universitária da UFPE.

O sítio preferencial foi a Zona da Mata Norte, conhecida por Mata Setentrional Pernambucana. Nesta região há grande ocorrência de grupos atualmente. Foram identificados 115 (cento e quinze) grupos de maracatu de baque solto, estando a maior parte deles sediada na Mata Norte – isto devido ao fato do folguedo ser intimamente ligado aos trabalhadores da lavoura de cana-de-açúcar. Mas, considerando as migrações, alguns grupos se fixaram nas cidades de Araçoiaba, Igarassu, Camaragibe, Olinda e Vitória de Santo Antão, ou seja, fora do sítio de maior ocorrência.

No que tange à formação musical do folguedo, ou seja, à orquestra, “os instrumentos musicais descritos por Guerra- Peixe, na década de 50, são cinco percussivos, os mesmos cinco registrados desde então até 2012 – gonguê, ganzá, tarol, cuíca, bombo ou surdo-, associados a instrumentos de sopro, que podem variar entre trombone, trompete, saxofone, clarinete, como se constata ainda hoje” (Dossiê, p. 48). Assim, percebemos que há uma formação já cristalizada e que se repete de maneira idêntica em todos os grupos.

O vídeo documentário produzido para a candidatura, com duração de 27 minutos, aborda todos os principais aspectos da forma de expressão. Além de uma série de depoimentos que revelam os principais aspectos do folguedo, há análises musicológicas, de aspectos coreográficos, aspectos da religiosidade em torno do bem, entre outros. Uma análise da evolução do bem no tempo, porém, poderia ter sido melhor desenvolvida, considerando-se a importância das ideias de tradição, transmissão de conhecimento e origens do bem cultural.

As fotografias produzidas dão conta de todo o universo descrito no Dossiê. São centenas de imagens que abordam desde os personagens e indumentária respectivas, aos padrões musicais, passando pela ritualística, além de perspectivas de salvaguarda do bem. No que diz respeito à análise inicial da salvaguarda, é patente o fato de diversos grupos, dado o andamento atual das políticas culturais, estar preocupada com questões relativas à profissionalização e institucionalização. Neste sentido, é ilustrativa a seguinte passagem do Dossiê:

A necessidade de transformação dos grupos de maracatu em pessoa jurídica provoca tensões, suscita polêmicas, tendo em vista que determinadas inserções no mercado cultural exigem dos folgazões abdicar de algumas características [...]. A Associação de Maracatus de Baque Solto de Pernambuco (AMBS – PE) tem funcionado como um organismo mediador dessas tensões e, cada vez mais, o associativismo do





baque solto vem funcionando como orientador de demandas profissionais que incluem a captação de recursos, agendamento de apresentações [...] e produção de projetos para concorrer em editais de fomento à cultura. (Dossiê, pp. 51 – 52).

Entendemos, por fim, que a instrução do processo atende ao fim de permitir ao Conselho Consultivo do Iphan ter uma visão detalhada do bem que ora se pretende seja reconhecido como Patrimônio Cultural do Brasil. Nestes termos, solicitamos que o presente parecer seja anexado ao material protocolado pela Fundarpe no dia 16 de agosto de 2013, e encaminhado ao Departamento do Patrimônio Imaterial do Iphan, para que sejam cumpridos os ritos burocráticos referentes à análise da pertinência do registro.

Atenciosamente,

Romero de Oliveira
Técnico I – História
IPHAN-PE/MinC

ROS/ros